

XVI



Treze Anos Imprescindíveis na Minha Trajetória Intelectual de Docente/Pesquisador

Valdemar Sguissardi, natural de Sananduva, RS, filho de pequenos agricultores, ingressou no Seminário dos Frades Capuchinhos com 9 anos de idade e viveu durante 13 anos a experiência da vida religiosa e seminarística. Coursou a graduação em Filosofia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ, Brasil (1963-1966). Fez o Mestrado em Science de l'Éducation, na Université de Paris X, Nanterre, Paris, França (1970-1972) e o Doutorado em Science de l'Éducation, na mesma universidade, em Paris, França (1972-1976). Professor Titular aposentado da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar (1992) e Professor Aposentado da Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP (2010).

Introdução

Estabelecer a relação entre alguns dos principais aspectos de minha trajetória intelectual, como professor e como pesquisador, por cerca de meio século, com os treze anos vividos ao lado de centenas de colegas, do Ensino Fundamental à Licenciatura em Filosofia, nos seminários e conventos da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMC) do Rio Grande do Sul (RS), é uma empreitada complexa, embora bastante oportuna. O título acima põe-se como uma hipótese que necessita ser minimamente demonstrada. Para fazê-lo espero, pela especificidade do objeto em análise, ir além do que já tenho escrito (e publicado) sobre essa relação em outras oportunidades e brevemente expostas abaixo.

A primeira vez deu-se há 32 anos (1991), quando redigi meu Memorial para o Concurso de Professor Titular, de Filosofia da Educação, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Ali, eu começava por falar de minhas origens rurais – “A ‘colônia original’” –; do “atalho”⁶¹ do Seminário para chegar à profissão que abracei em 1966 e que, passados 57 anos, penso ainda estar exercendo nesta minha atual “falsa aposentadoria”. Falava também do fim de minha experiência seminarística sob o título do item de “Deixando o ‘atalho’”.

Nesse memorial, relatava a experiência de dois anos como aluno de pós-graduação *lato sensu* na FFCL da USP – 1968/1969 – que se resumia no título do item como “1968: Tempos de ‘Guerra’”. Também dissertava sobre os tempos vividos em Paris – setembro de 1970 a fevereiro de 1976, com cerca de um ano de interregno ao realizar a pesquisa de campo (para a tese de doutorado) em Maringá e Londrina (1973) – onde cursei o Mestrado e o Doutorado em Ciências da Educação na Universidade de Paris-X (Nanterre, Fr). Fazia reflexões sobre os quatro anos de vínculo com a recém criada Universidade Estadual de Maringá (UEM, 1976-1979) e sobre os 12 anos de atuação na UFSCar. Nesse memorial, de modo explícito às vezes e implícito outras tantas, estabeleci relações entre a experiência do Seminário e o processo de posterior formação e qualificação, assim como, de trabalho docente, de pesquisa e de produção científica.

No ano de 2011, primeiro de minha aposentaria – que chamo de falsa, porque não tenho deixado de atuar como pesquisador e também docente, embora de forma esporádica neste caso – fui alvo de uma inesquecível homenagem de meus colegas de Programa de Pós em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (PPGE/Unimep) e de um número representativo de meus ex-alunos e ex-orientandos de doutorado. Uma comissão organizadora, formada pelos ex-colegas Bruno Pucci, César Romero A. Vieira e Cleiton de Oliveira, foi responsável pela edição de um dossiê (número especial) da Revista *Comunicações*, do PPGE/Unimep.⁶² Neste dossiê, além de artigos de colegas sobre nossa trajetória comum na docência, na investigação e na publicação da produção intelectual, assim como, dos depoimentos de ex-alunos e ex-orientandos, consta uma bastante longa entrevista que concedi aos colegas organizadores desse dossiê, acima no-

61 O termo atalho, entre aspas, significa que a ida ao Seminário acabou por ser um modo seguro e único de realizar o sonho infantil de me tornar um homem estudado (usuário de óculos) e que me livrasse do trabalho duro e sofrido da roça. Ir para o Seminário, sem sinais visíveis de “vocação sacerdotal”, era a única alternativa, nos anos 1950 – para filhos de famílias pobres da zona rural a 50 km da sede municipal em que então se oferecia o curso ginásial – para se poder ir além do ensino primário de uma escola rural unidocente. A experiência do Seminário acabou por se tornar o atalho para futuros passos posteriores à graduação: pós-*lato sensu* (especialização), pós-*stricto sensu* (mestrado e doutorado) e cerca de meio século de docência universitária, investigação e publicações científico-acadêmicas.

62 **COMUNICAÇÕES**. Piracicaba. Ano 18, n. 1, 108 p., jan.-jun. 2011 (ISSN 0104-8481).

minados, e que se intitulou “Valdemar Sguissardi: origens, formação, escolhas, militâncias e experiências – uma entrevista”.⁶³ Respondendo às muitas questões dos entrevistadores, em cerca de duas horas, expus minha trajetória de vida, minhas jornadas acadêmicas, minhas opções sociopolíticas, minhas atividades de formação como pesquisador e docente universitário.

Em 2011, por solicitação de Beatriz T. D. Fischer⁶⁴, organizadora de uma coletânea de depoimentos de professores/pesquisadores sobre os tempos vividos por esses na escola primária⁶⁵, apoiando-me, em grande medida, no que havia escrito no memorial acima citado, escrevi meu depoimento sob o título de “A escola de minha infância”, que englobava os dois anos de uma Escola Rural Unidocente e os primeiros dois anos de Seminário.

Em 2016, escrevi um depoimento para o livro *Legado Franciscano: contribuição dos freis capuchinhos na educação de filhos de colonos italianos do Rio Grande do Sul 1950-1970*.⁶⁶ Nas dez páginas desse escrito relato, com algumas reflexões pertinentes, minha trajetória pessoal e profissional após concluídos os 13 anos de experiência no Seminário, isto é, dos nove aos 22 anos de idade. Início por dissertar sobre as razões da opção pelo laicato, em 1967, depois da Licenciatura em Filosofia, e sobre os primeiros dois anos de docência na Educação Básica e na Educação Superior em Paranavaí, PR (1966-1967). Prossigo tecendo comentários sobre o planejamento e a “construção” de uma profissão: a docência na educação superior e a investigação. Isto a partir do meu primeiro ano de retorno à vida laica. Esta construção foi-se dando, inicialmente, no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Metodologia do Ensino Médio, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP, 1968-1969); depois – após sete meses de trabalho na UEM (março-setembro de 1970), da qual fui dos primeiros docentes contratados mediante concurso público – nos meus cinco anos de mestrado e doutorado na França.

Sob o subtítulo “Ajudando a construir uma universidade”, faço considerações sobre os quatro anos de vínculo, como docente e participante da administração: do Depto de Educação; de uma Divisão e, depois, Diretoria

63 PUCCI, Bruno; VIEIRA, Cesar R. A.; OLIVEIRA, Cleiton de. Valdemar Sguissardi: origens, formação, escolhas, militâncias e experiências – uma entrevista. *COMUNICAÇÕES*. Piracicaba, ano 18, n. 1, p. 7-40, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://vsquissardi.com.br/wp-content/uploads/2022/09/entrevista-dossie-valdemar-squissardi.pdf> Acesso em 10 de nov. 2023.

64 FISCHER, Beatriz T. D. (Org.) **Tempos de escola – Memórias**, v. II. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livros, 2011.

65 SGUISSARDI, Valdemar. A escola da minha infância. In: FISCHER, Beatriz T. D. (Org.). *Tempos de escola – Memórias*. V. II, São Leopoldo, RS: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011, p. 25-38.

66 SGUISSARDI, Valdemar. Após a saída do seminário. In: BELATO, Dinarte (redator) et al. *Legado Franciscano: contribuição dos freis capuchinhos na educação de filhos de colonos italianos do Rio Grande do Sul 1950-1970*. Porto Alegre: Evangraf, 2016, p. 332-342. Disponível em versão ampliada online: <https://www.diagramaeditorial.com.br/project/legado-franciscano/> Acesso em 10 de nov. de 2023.

de Pesquisa e Pós-Graduação (futura Pró-Reitoria) da UEM (1976 a 1979). Em seguida, disserto sobre os anos mais decisivos para a construção de minha carreira como docente, pesquisador e administrador universitário, isto é, os 13 anos – de 1979 a 1992 – na UFSCar: docente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSCar); representante, por oito anos, dos Professores Adjuntos no Conselho Universitário (Con-suni/UFSCar); candidato a vice e reitor; vice e presidente da Associação de Docentes da UFSCar (Adufscar); um dos fundadores e primeiro Chefe do Depto de Educação (DEd/UFSCar); coordenador da Estatuinte; coordenador de grupos de pesquisa e atividades de extensão em bairro da periferia de São Carlos. Como se verá adiante, foi a esta instituição que denominei, no Memorial acima citado, de “‘Escola’ da UFSCar”.

Prossigo esse depoimento refletindo sobre os quase 20 anos de intensa dedicação à docência, à pesquisa e à publicação científica (1992-2010) que, aposentado como funcionário público e ainda em idade “produtiva”, significaram a continuidade de minha carreira científico-acadêmica, então na Unimep.

Não por acaso, esse depoimento conclui-se com algumas considerações sobre a “Relação de minha carreira [acadêmico-profissional] com a experiência do seminário”, além de estabelecer algumas perspectivas para minhas atividades profissionais futuras em tempos de aposentadoria.

1. *Por que ingressar na Comunidade dos Frades Capuchinhos do Rio Grande do Sul aos nove anos e, entre seminários (três) e conventos (três), ali permanecer por 13 anos?*

Entre os fatores que explicam a opção por deixar a família rural aos nove anos de idade e ingressar num seminário de Frades Capuchinhos no interior do RS e ali permanecer estudando e trabalhando por 13 anos podem-se destacar os que seguem:

1. Ausência de instituições escolares, que oferecessem ensino que fosse além do então (inícios da década de 1950) denominado Ensino Primário, situadas a uma distância acessível e que fossem gratuitas. 2. A situação financeira de uma família numerosa (pai, mãe e 12 filhos, no meu caso) que impedia a manutenção de um ou mais dos filhos em colégios internos pagos em cidades que então deles dispusessem. 3. A presença de párocos da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMC) nas paróquias de muitas cidades da “Colônia Italiana”, como era o caso de Sananduva, 4º distrito de Lagoa Vermelha (emancipou-se em 1953). 4. O fato de, nos seminários dos Capuchinhos, se estudar e trabalhar – na horta, nos parreirais, na plantação de soja, milho; na criação de galinhas e porcos – todos os dias úteis e

mesmo durante o período de férias⁶⁷, sem que as famílias dos seminaristas precisassem pagar mais do que pequenas anuidades (um salário mínimo, talvez), quase uma contribuição financeira simbólica.

No meu caso, alguns fatos foram decisivos para minha opção de ir para o seminário dos Capuchinhos. Por ocasião da frequência ao catecismo preparatório para a Primeira Comunhão, no início de 1952, hospedado, com minha irmã de sete anos (eu tinha oito anos), na casa de um tio paterno na periferia da Vila de Sananduva, pude observar, nos eventos próprios desse cerimonial religioso, que as pessoas que estudavam – padres, freiras, advogados, autoridades, entre outros e que, em geral, usavam óculos – tinham, aparentemente, uma vida muito mais leve do que a nossa nas lides da roça: nas atividades tanto da produção agrícola, quanto da criação de galinhas e porcos. Ressalte-se o rigor do inverno e a ausência de calçados apropriados. Trabalhava-se na roça de pé no chão até se conseguir um par de botas, geralmente, usadas. A partir de então a ideia de estudar, “usar óculos” foi minha grande parceira, não mais me abandonou.

Passado algum tempo da Primeira Comunhão, no mês de agosto particularmente frio de 1952 e eu, gripado, não tendo podido ir à aula pela manhã, fui surpreendido com uma lembrança – um “santinho” do Padre Champagnat – que um Irmão Marista me havia enviado pelos meus irmãos que retornavam da escola para o almoço. Esse Irmão Marista tinha estado na Escola Irmãos Andradas, que frequentávamos, distante cerca de quatro quilômetros de casa, para convidar os alunos a ingressarem nos seminários de sua Congregação. Em torno do fogão a lenha, que garantia a comida e a calefação de parte da casa, e após o relato dessa presença inusual na escola pelos meus irmãos, o pai perguntou se alguém de nós queria “estudar para padre”. A pergunta do pai me fez me lembrar do observado quando das aulas de catecismo e da Primeira Comunhão acima referido, além de meu sonho de estudar, de me livrar do trabalho duro da roça. Na ocasião, o mais importante, na pergunta, para mim, não era estudar para padre e, sim, estudar, deixar a vida difícil e sem muito futuro que levávamos minha família e eu. De forma imediata, feita a pergunta, eu levantava a mão e, diante dos pais e de mais nove irmãos e irmãs (dois ausentes: casados), com certa timidez, arrisquei: “Eu”! Ninguém objetou e o pai foi logo afirmando: “Então, domingo, a gente vai à missa e vai falar com o padre vigário” (Tratava-se de um frade capuchinho, de barba longa, alto, tocador de sanfona e bom orador, Frei Gregório de Protásio Alves).

No domingo, conforme planejado, fui com meus pais à missa na Igreja Matriz de Sananduva. Após a missa, dirigimo-nos à Casa Paroquial para

67 Durante as férias escolares de final e meio do ano, os seminaristas permaneciam nos seminários, trabalhando em tempo integral, sendo-lhes permitido passar apenas de 15 a 20 dias junto a suas famílias, em geral no período natalino e de passagem de ano.

falar com o Padre Vigário, Frei Gregório. Ouvindo nosso relato e nossas intenções, disse-nos que o Irmão Marista que havia estado na Escola era de outra Congregação que não a dos Frades Capuchinhos a que ele pertencia. Foi então que criei coragem para lhe dizer que queria estudar no seminário dos Frades Capuchinhos, um dia ser como ele. Então, além de orientação sobre o enxoval, marcou-se o mês de fevereiro do ano de 1953 para minha ida ao seminário de Vila Flores, distrito de Veranópolis, RS, quando eu já teria completado nove anos.

De carona num caminhão Ford F-7, de amigo da família, carregado de tábuas de pinheiro (araucária), com destino a Porto Alegre, iniciamos, de madrugada, meu pai e eu, nossa viagem para Vila Flores. A chuva, entretanto, impediu que fôssemos com essa carona além de Lagoa Vermelha, pois as estradas de terra não davam passo a caminhões de carga sob chuva. De ônibus de linha, fomos de Lagoa Vermelha ao Seminário de Vila Flores. Ali fomos recebidos na portaria e, ato contínuo, fui apresentado a meu “guarda” (tutor) que me orientaria nos primeiros passos da vida do seminário. Enturmei-me rápido com os cerca de 200 seminaristas que cursavam as diferentes séries do ensino primário. Fui alocado na segunda série (1953), embora já tivesse concluído esta série na nossa Escola Rural. No ano seguinte passei para a 5ª e última série do ensino primário (1954)⁶⁸, findo o qual, em número de cerca de 100, fomos transferidos para o Seminário da cidade de Veranópolis para ali fazermos as três primeiras séries do Curso Ginásial (1955-1957). A 4ª série do Ginásio e o primeiro ano do Curso Clássico, com grego (1958-1959), os fizemos no Seminário de Vila Ipê, distrito de Vacaria, mas que distava apenas 6 km de Antônio Prado. Em 1960, fizemos o “Noviciado”, no Convento de Garibaldi. Nossa turma já tinha sido reduzida a pouco mais de 30 candidatos à vida religiosa. Ao final desse ano, admitidos, com votos simples, na vida religiosa, inclusive com a adoção de um nome diferente do de família⁶⁹, ao qual se acrescentava o nome da cidade de nascimento, fomos transferidos para o Convento de Marau, perto de Passo Fundo, onde cursamos o 2º e o 3º anos do Curso Clássico e nos

68 No Seminário de Vila Flores, o Curso Primário era oferecido em cinco séries. Não havia obrigatoriedade de todos os alunos frequentarem as cinco. Dos alunos da 2ª e 3ª séries do ano de 1953, por exemplo, parte estudou na 4ª série e parte na 5ª em 1954. Ao final do ano, os alunos aprovados nas 4ª e 5ª séries eram considerados aptos a ingressar na 1ª série ginásial no Seminário São José de Veranópolis.

69 Na tradição da Ordem dos Frades Capuchinhos, quando da profissão dos votos simples e provisórios (em geral três anos), antes da chamada profissão perpétua, havia o costume de se mudar o nome civil de família por outro nome, comumente de algum dos santos da Igreja, acrescido do nome do município de nascimento. Por exemplo: Frei Orlando de Antônio Prado em lugar de Frei Octacílio Dotti. A partir do Concílio Vaticano II e mudanças nas regras da Ordem Religiosa desse decorrentes, os novos religiosos passaram a manter seus nomes (nome e sobrenome) de família; os que já adotavam nomes diferentes dos de suas famílias puderam substituir os nomes religiosos pelos de família ou manter o nome religioso acrescentando o sobrenome de família em lugar do nome do local de procedência.

preparamos para o Vestibular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Ijuí. Nesta, em número de cerca de 20, cursamos a Filosofia.

Diante das mudanças nas regras de organização e funcionamento dos Seminários e Conventos, decorrentes das decisões do Concílio Vaticano II (1961-1965), ao final do 3º ano e já com o título de bacharel em Filosofia, obtive permissão dos superiores para deixar o convento por um ano, durante o qual eu faria o 4º ano da Licenciatura, também chamado de Didática ou das disciplinas pedagógicas, que, no meu caso, com a dispensa de algumas disciplinas, resumiu-se a um estágio supervisionado, com atividades de ensino de português a uma turma de 1ª Série Ginásial do Colégio Estadual de Paranavaí (CEP). Findo este ano e, então, licenciado em Filosofia, obtive novo afastamento da vida religiosa por mais um ano, durante o qual, já lecionando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Paranavaí (FFCL/Pvaí), decidi deixar a vida religiosa e dar continuidade às atividades como docente da educação superior na FFCL/Pvaí e do Curso Colegial do CEP.

A respeito da decisão de deixar a vida religiosa, escrevi em 2015:

O “atalho” do seminário para livrar-me do trabalho duro da vida da roça e a aquisição de um saber que me habilitasse a exercer uma profissão que me realizasse pessoal e profissionalmente estava chegando ao fim. Por mais que tivesse me convencido da importância da vida religiosa e do que nela é possível fazer no sentido da solidariedade humana, da luta pela liberação dos homens, material e espiritualmente, eu acabara convencido de que a dedicação a uma vida religiosa de restrições e renúncias não era, para mim – como não o fora quando no seminário –, uma consistente exigência vital. O que vislumbrava como o mais importante na ação dos religiosos, o seu aspecto de intervenção político-social, eu acreditava poder realizar como leigo numa profissão como a do magistério. (SGUISSARDI, in: BELATO et al. 2016, p. 334).

2. *Traços marcantes da experiência de seminários e conventos que podem ter sido importantes na minha profissão de docente/pesquisador da educação superior*

- 2.1. *Alguns fatos ou eventos marcantes de minha vida profissional*

Antes de tentar estabelecer essa relação é preciso descrever, ainda que sucintamente, minha trajetória profissional desde que me licenci em Filosofia, deixei a vida religiosa e assumi com muito empenho minhas atividades, antes como professor, depois, como professor e pesquisador, assim como autor e coautor de uma quinzena de livros e de mais de uma centena

de artigos e capítulos de livros.⁷⁰ São 13 anos de experiência seminarística e religiosa na pré-história de uma carreira profissional de 58 anos.

Nestas cerca de seis décadas, em termos de qualificação formal, além do bacharelado e licenciatura em Filosofia, busquei ampliar e dar sequência a minha formação acadêmico-profissional: 1) Após um ano como professor de português para primeiras séries ginasiais, em janeiro de 1967, fiz Curso e Exame de Suficiência na Disciplina de Português para o 1º. Ciclo do Curso de Grau Médio, de acordo com o art. 117 da LDB/61, ao final do qual recebi o Certificado de Habilitação para a disciplina de Português a mim atribuído pela FFCL da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2) Após um ano como professor de Prática de Ensino de diversas áreas na FFCL/Pvaí, afastei-me sem vencimentos dessa Faculdade para frequentar em tempo integral o primeiro ano do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Metodologia do Ensino Médio, na FFCL/USP, em São Paulo (1968). O segundo ano desse curso (que se concluiu com uma monografia) frequentei indo, de ônibus, todas as quartas-feiras à noite para São Paulo (cerca de 10 horas de duração), participando de seminários pela manhã e pela tarde e retornando à noite para Paranavaí, onde reassumi minhas aulas na área pedagógica na FFCL/Pvaí e a disciplina de Filosofia no Curso Científico do CEP. 3) Tendo sido contratado entre os primeiros docentes da recém-criada UEM, de Maringá (março de 1970), em setembro de 1970, com bolsa da Capes, embarquei do Rio de Janeiro para Paris, onde, na Universidade de Paris-X, Nanterre, fiz o mestrado e o doutorado em Ciências da Educação.

Essa qualificação formal somente adquire sentido se combinada com a experiência profissional de docente na graduação e na pós-graduação, de investigação e de publicações, além de em uma série de eventos que, em alguns escritos, tenho denominado de a “outra” pós-graduação *lato sensu*, o “outro” mestrado e o “outro” doutorado, isto é, as experiências, seja como gestor institucional/acadêmico – chefias de departamento, coordenação de cursos de Pós-Graduação *Lato e Stricto Sensu* –, seja como membro de Colegiados de Unidades Acadêmicas e Superiores na Universidade, coordenação de grupos de pesquisa na universidade e no âmbito de entidades científicas nacionais. Vale acrescentar a aprovação em Concurso para Professor Titular da UFSCar (1992) e a liderança e os cargos diretivos de entidades associativo-sindicais e em diretório municipal de partido político, cujo Núcleo havia sido um dos fundadores (1980).

Para cada um desses eventos, poder-se-iam destacar fatos e atividades que mostrariam seu potencial formador de um profissional no campo da educação, isto é, que se somam tanto à experiência de seminários e conventos, assim como aos títulos e diplomas universitários.

70 Ver <https://www.vsguissardi.com.br>

Já no meu primeiro ano como professor da FFCL/Pvaí, assumi a Chefia do Depto de Pedagogia (1967). Quando fazia o primeiro ano de minha pós-graduação *Lato Sensu*, na FFCL/USP, participei ativamente das ações estudantis em defesa da escola pública e contra os famigerados Acordos MEC-USAID⁷¹, atuando na organização de passeatas e também na conhecida “Batalha da Rua Maria Antônia”⁷² em outubro de 1968, pouco tempo antes da promulgação do Ato Institucional n. 5 (AI-5, de 13 de dezembro de 1968.), que aprofundou o caráter repressor e de completo desrespeito aos direitos humanos da ditadura empresarial-militar (1964-1985). A militância estudantil, a frequência a diversas disciplinas do Curso de Pedagogia da USP e a cursos livres ministrados por professores cassados dessa universidade, como foi o caso de Florestan Fernandes, serviram para aprofundar a leitura crítica das estreitas relações da educação com a realidade socioeconômica e política mais ampla, que, nem sempre, era possibilitada pelo Curso de Pós-Graduação que frequentava, com exceção da disciplina Estudo de Problemas Brasileiros.

Minha estadia por um ano em São Paulo possibilitou fazer um breve estágio no Colégio Vocacional do Brooklin, parte da experiência pedagógica de renome à época, parte do Serviço de Ensino Vocacional (SEV)⁷³, sob a coordenação de Maria Nilde Mascelani, e extinto em 1969 pela Ditadura empresarial-militar.

A conclusão dessa pós-graduação *lato sensu* em fins de 1969 levou-me a ter sucesso no concurso de entrada na UEM no início de 1970, na qual assumi durante o primeiro semestre a Chefia do Depto de Educação e a disciplina de Didática Geral para vários cursos de Licenciatura. Durante este semestre busquei apoio da Capes para fazer minha pós-graduação *stricto sensu* em Paris, ainda que tenha sido também aceito para tanto na Universidade de Louvain, Bélgica, e em Lausanne, Suíça, com um dos assistentes do grande psicólogo geneticista Jean Piaget.

71 USAID: *United States Agency for International Development*. O Ministério da Educação manteve Acordos com essa Agência, inclusive criando comissões paritárias de experts brasileiros e estado-unidenses para a formulação de propostas de Reforma Universitária no Brasil nos anos finais dos anos 1960.

72 “A Batalha da Rua Maria Antônia” deu-se entre os estudantes ligados ao Comando Caça Comunistas (CCC), da Universidade Mackenzie, e os estudantes da FFCL/USP, cujos prédios ocupavam ambos os lados dessa via pública, travessa da Av. Consolação, São Paulo. A tentativa de invasão e de incêndio do prédio da FFCL/USP pelos militantes do CCC, exigiram dos estudantes desta Faculdade um ingente esforço para impedi-lo. Deteriorada, em razão de focos de incêndio, a FFCL da USP foi fechada e os estudantes transferidos para vários prédios da Cidade Universitária desta universidade. Para maiores informações, ver SANTOS, Maria C. L. dos (Org.) **Maria Antônia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988.

73 As escolas que seguiam essa orientação do SEV instalaram-se em Americana, Batatais, Barretos, Rio Claro, São Caetano do Sul e São Paulo (Brooklin Paulista).

O “outro” mestrado e o “outro” doutorado podem ser vistos a partir de uma série de fatos ou eventos de que pude participar estando em Paris e porque a bolsa da Capes, comparável ao salário mínimo francês, era insuficiente para se poder tirar proveito dessa estadia, seja para comprar livros, seja para ir a teatros e museus, seja para viagens de estudo ou de passeio pela Europa.

Além de uma viagem de estudos de uma semana a Londres e Brighton, RU, para conhecer as experiências educacionais britânicas com especial destaque para a *Open University*, em maio de 1971, trabalhei como monitor de colônias de férias de estudantes do ensino médio franceses em estágio de aprendizagem de inglês na Inglaterra (Morden e Salisbury) por dois meses, em junho e agosto de 1971. Nas férias de 1972 (julho-agosto-setembro) trabalhei como recepcionista noturno de Hotel no Setor das Embaixadas (perto da Av. Foch), ao tempo em que também fazia versões do português para o francês de processos de sinistros automobilísticos ocorridos em Portugal, contratado pela *Société Générale*, que os arquivava na matriz francesa em francês. Durante o dia, nesse período, trabalhava como condutor de automóveis da Companhia *Avis*, na recuperação de carros deixados pelos locadores em cidades distantes até um raio de 250 km de Paris, quando recebia como bônus, além do pró-labore, o direito de utilizar até 12% da quilometragem na visita a pontos turísticos: catedrais, castelos, museus... Ocupei-me durante cerca de três anos, em períodos de férias e nos feriados, como guia turístico da *KLM* (empresa aérea holandesa) e da *Agência Roma*. Conduzia em especial grupos de turistas latino-americanos em Paris, arredores de Paris e, eventualmente, no Vale do Loire. Até uma Escola de Samba do Rio de Janeiro – Império Serrano – com cerca de 150 passistas, convidada para animar as festas do cinquentenário da *Rádio Europa 1*, com dois outros colegas, nos foi dado guiar por três dias.

Paris deu-me oportunidade de frequentar muito a teatros, grandes livrarias, grandes museus; de conhecer e aprender com muitos intelectuais, como Pierre Bourdieu, com quem fiz uma disciplina especial, e escritores latino-americanos, Júlio Cortazar, Gabriel Garcia Marques e Alejo Carpentier. Este, considerado o maior escritor cubano e pioneiro do que foi conhecido como “realismo fantástico”, sendo representante de Cuba na Unesco, foi quem me forneceu a maioria dos dados para que pudesse realizar, em coautoria, um dos dois “Mémoire” de Mestrado, este sobre a educação de adultos em Cuba e na França⁷⁴.

A experiência de vida, como estudante, no exterior, em especial em metrópoles mundiais, como é o caso de Paris, para onde afluíam, à época, estudantes do mundo inteiro, além de exilados políticos das muitas ditadu-

74 Vale anotar que, na última página de meu passaporte “diplomático” (cor azul), de bolsista da Capes, estava assim anotado: “Válido para todos os países, menos para Cuba”.

ras implantadas em diversos países do mundo, possibilitou-me uma visão crítica não apenas da ditadura brasileira, mas das ações políticas globais. Passar dias na Livraria François Maspero, por exemplo, no Boulevard Saint Michelle, Quartier Latin, em contato com a literatura militante de dezenas de países do mundo, eram “aulas” que dificilmente se poderia ter nas salas da universidade.

Destaque-se a convivência, por três anos, como morador da *Maison du Brésil*, na cidade universitária (obra de Lúcio Costa e Roland Corbisier), com mais de uma centena de moradores de dezenas de países e das mais variadas áreas do conhecimento. Na Cidade Universitária da Universidade de Paris, no Boulevard Jourdan, 14º *Arrondissement*, residiam cerca de 5.500 estudantes distribuídos em mais de 30 residências universitária. Os restaurantes universitários e as salas de teatro do Cidade Universitária eram os principais pontos de encontro.

Finalmente, devo registrar o clima político em que vivíamos longe do país imerso na atmosfera sombria da ditadura militar em seus anos mais perversos, de 1970 a 1975, em plena vigência do AI-5 e do mandato presidencial/ditatorial do Gal. Emílio Garrastazu Médici. Isto tinha consequências para nossos estudos e nossas dissertações e tese, pois sonhávamos poder retornar ao país, sem sermos vítimas de repressão político-ideológica.

No campo da gestão institucional, ocupei: a) em 1967, a chefia do Depto de Pedagogia da FFCL/Pvaí; b) em 1970 e 1973, a chefia do Depto de Educação da UEM; c) de 1976 a 1979, a Chefia da Divisão e, depois, Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UEM; d) de 1980 a 1982, a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar; e) de 1987 a 1992, a chefia do Depto de Educação da UFSCar; f) de 1993 a 1994, a coordenação do PPGE/Unimep (até o reconhecimento pela Capes do Curso de Doutorado).

Quanto à participação em órgãos colegiados universitários, vale destacar o período de oito anos em que fui representante dos professores adjuntos (doutores) da UFSCar no Conselho Universitário, nos anos 1980, quando ainda perdurava a ditadura militar (até 1985) e lutávamos pela democratização interna do poder nessa universidade que, além de não ser aceita pelo MEC sequer listas sêxtuplas que se organizavam ouvida a comunidade universitária, foi vítima de uma intervenção federal, na pessoa do então vice-reitor da USP – Antônio Guimarães Ferri – durante cerca de um ano. Esta intervenção somente foi suspensa com a renúncia do “interventor” e com o fim da ditadura em 1985. Nesse período e em tempos de abertura democrática (1985), compus uma lista sêxtupla para reitor da UFSCar. Foi a primeira após o fim da ditadura e a última constituída pelo Colégio Eleitoral da Instituição. Após a gestão de quatro anos do reitor, Munir Rachid, que encabeçou essa lista e foi nomeado pelo então Ministro da Educação Marco Maciel (Gov. Sarney), todas as demais listas organizadas pela

universidade e encaminhadas para Brasília o foram no formato de chapas, com candidatos a reitor, vice-reitor e quatro pró-reitores, procedimento que continua até os dias de hoje, sendo, com uma única exceção durante o último mandato presidencial, nomeado o primeiro da lista como reitor.

Outras atividades ou eventos a serem destacados na minha trajetória profissional podem ser enumerados, entre eles, a aprovação em Concurso para Professor Titular em Filosofia da Educação da UFSCar em janeiro de 1992 e a coordenação do Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd), de 1992 a 1994.

No campo associativo e sindical, destaque-se a coordenação do processo de criação da Associação de Docentes da UEM (Aduem), em 1978, e a vice-presidência e presidência da Associação de Docentes da UFSCar (Adufscar) de 1983 a 1985. Acrescente-se a participação no Congresso de criação da Associação Nacional de Docentes da Educação Superior (Andes), hoje Andes-Sindicato Nacional, em 1981, e a participação da criação do Núcleo do Partido dos Trabalhadores, de São Carlos, e da Assembleia de criação do Partido dos Trabalhadores, esta no Colégio Sion, em São Paulo, ambos no início do ano de 1980. Participei, na coordenação da montagem do Plano de Governo para a Educação Superior, parte do Plano de Educação, Ciência e Tecnologia da Coligação Lula Presidente, durante o ano de 2002.

2.2. *Traços dos 13 anos de seminários e conventos que podem ter sido marcantes na minha vida profissional*

Que a experiência dos meus 13 anos de seminário e de convento foi imprescindível e decisiva para a assunção e o exercício da minha profissão docente universitária, como professor, pesquisador e autor, não resta nenhuma dúvida. A questão será sempre em que grau isso se deu, dados os fatos, desafios novos, que enfrentei ao longo desse mais de meio século. Quando escrevia sobre a vida pessoal e profissional pós-seminário e conventos para o livro de memórias de “nossa turma” *Legado Franciscano* (BELATO et al., 2016), e referindo-me à relação dessa experiência com a vida profissional, assim me expressava:

Se não fosse o seminário, com muita certeza eu não teria feito nem ginásio, nem colegial e muito menos faculdade/ universidade. Mais que isto, sem a união estudo e trabalho, sem a seriedade e a disciplina nos estudos, vividas por 13 anos no seminário, eu possivelmente não tivesse ido além da Graduação e de alguma Especialização. Minha ida para Paris, para fazer o Mestrado e o Doutorado, sem ter nenhum conhecido nessa cidade, não teria ocorrido sem a experiência de viver longe da

família e com tanta gente nova e diversa quanto o seminário nos propiciou. (SGUISSARDI, in: BELATO et al. 2016, p. 341).

De fato, de todos os jovens de meus tempos de infância na roça, apenas os que conseguiram entrar para algum seminário, em que se estudava e trabalhava de forma integrada, puderam, ao sair, escolher outras profissões que não fossem as de motorista de caminhão ou empregados assalariados de alguma empresa urbana, mas sem maiores perspectivas de avanço na formação acadêmico/profissional⁷⁵.

Nesse meu depoimento para esse livro de memórias acima citado, eu escrevia também:

Quando rememoro minha atividade científica e as temáticas e questões que sempre procurei problematizar e compreender, assim como quando examino minha trajetória política, seja institucional, seja associativo/sindical, seja partidária, não posso deixar de pensar que passei por seminários e conventos de frades capuchinhos. Trajetória de trabalho e estudo, em que a ciência como forma de aliviar a canseira da existência humana, como dizia Brecht que esta o era para Galileu, a preocupação com os pobres e injustiçados, numa palavra, a solidariedade humana, sempre foram muito pregadas e bastante praticadas. (SGUISSARDI, in: BELATO et al. 2016, p. 341).

Os seminários e conventos, como instituições totais, têm suas regras próprias que os isolam da sociedade, alguns mais outros menos. Uma instituição total assim foi descrita por Erving Goffman em seu livro *Prisões, manicômios e conventos*⁷⁶:

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (GOFFMAN, 1974, p. 11).

Esta definição, em nosso caso, talvez pudesse aplicar-se apenas parcialmente à experiência vivida nos três seminários e em dois dos três conventos em que vivi por 13 anos. Ela seria bastante mais adequada para descrever a experiência de um ano no convento de Garibaldi, RS, onde, no ano de 1960,

75 Três dos meus cinco irmãos homens foram motoristas de caminhão, por alguns anos um, por muitos anos outros dois.

76 GOFFMAN, Erving. **Prisões, manicômios e conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectivas, 1974 (Título do original inglês: **ASYLUMS** - Essays on the social situation of mental patients and others inmates. Copyrights: Erving Goffman, 1961)

fiz o noviciado. Ali, tudo se concentrava na preparação para a vida religiosa: trabalho e estudo e, este, tendo como preocupação central o estudo da Bíblia e das Regras da Ordem dos Capuchinhos. Neste convento, aqueles traços de vida e trabalho, de um certo moralismo maniqueísta, próprio dos seminários, acentuaram-se de modo especial, levando a muitos colegas a desistirem da vida religiosa. O mesmo não se pode dizer do convento São Boaventura, de Marau, RS, onde, após os chamados votos religiosos simples (por três anos), professados ao final do noviciado, no Convento São Francisco, de Garibaldi, RS⁷⁷, cursamos a segunda e a terceira séries do Curso Colegial Clássico, em que pudemos estabelecer laços muito mais estreitos com a comunidade local.

Mas é especialmente em relação ao convento de Ijuí – em que vivemos enquanto fazíamos o Curso de Filosofia, juntamente com os estudantes leigos que também frequentavam a FFCL de Ijuí, e quando pudemos nos envolver com múltiplas atividades sociais, entre as quais se destacava o *Movimento Comunitário de Base* – que se pode afirmar que a definição de Goffman para *instituição total* não se aplica. Esse Movimento permitiu-nos atuar na *Colmeia Infantil* (Biblioteca Infantil), nas Associações de Amigos de Bairro, em campanhas de sindicalização de pequenos agricultores e sem terras, da Frente Agrária Gaúcha (FAG), no Centro Popular de Cultura (CPC), nos moldes dos organizados nacionalmente pela União Nacional de Estudantes (UNE), que realizava semanalmente atividades teatrais e de conscientização de agricultores sobre as chamadas *Reformas de Base* e a necessidade de se criarem cooperativas, atividades apenas interrompidas pelo *Golpe de 1964* que deu início à Ditadura Empresarial-Militar (1964 a 1985).

A integração estudo e trabalho nos seminários e conventos, as rigorosas exigências pedagógicas, o estudo da música (clássica em especial), a prática do teatro, o grande incentivo à leitura de autores clássicos antigos e modernos, e, principalmente, a disciplina nos estudos e o envolvimento com as questões sociais têm sido fatores condicionantes, senão determinantes, de meu sucesso nos estudos e nas atividades profissionais-acadêmicas pós seminários e conventos.

As preocupações de nossa experiência de educação básica (fundamental e média) com as disciplinas básicas, como português, matemática, história, geografia, física, química, biologia e, inclusive, astronomia, e, de modo especial, os tempos do Curso de Filosofia e sua grande abertura para o campo político-social foram fundamentais para o sucesso de minha trajetória profissional-acadêmica.

77 Na Província da OFMC do Rio Grande do Sul, nessa época, o noviciado era feito após a conclusão do 1º ano do Curso Clássico, quando os seminaristas tinham uma idade que girava entre os 16 e os 19 anos.

O currículo disciplinar do Curso de Filosofia era bastante estreito, tendo papel central a Introdução e História da Filosofia, fundadas em autores clássicos e no tomismo, tendo havido, desde essa abertura para o social e as orientações do Concílio Vaticano II (1961-1965), assim como com as encíclicas sociais – *Mater et Magistra*, *Pacem in Terris* e *Populorum Progressio* – significativo esforço de *aggiornamento* tanto nos estudos de filosofia com autores neotomistas – Jacques Maritain, Etienne Gilson, Agostinho Gemelli, Antonin Sertilanges e Alceu Amoroso Lima – quanto em outros campos da filosofia, da sociologia e da antropologia – Michele Federico Sciacca, Emmanuel Mounier, Maurice Blondel, Emmanuel Levinas, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Ortega y Gasset, Soren Kierkegaard, Nikolai Berdiaev, Thomas Merton e Teilhard de Chardin.⁷⁸

Em conclusão,

[...] não seria quem sou – como ex-docente e ainda estudioso da problemática universitária, numa sociedade extremamente desigual, em que a educação superior, de elite ou de baixa qualidade, não faz justiça à maioria da população excluída do usufruto de muitos direitos – sem as bases de minha carreira de docente universitário edificadas na experiência seminarística de Vila Flores a Ijuí. (SGUISSARDI, in: BELATO et al. 2016, p. 341).

À guisa de conclusão

Como acima exposto, minha carreira acadêmico-profissional iniciou-se como professor de português e filosofia na Educação Básica, mas foi a docência no campo da didática e, nesta, a orientação piagetiana (Jean Piaget), de dinâmica de grupos (Kurt Lewin) e da não diretividade (Karl Rogers), decorrência da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Metodologia do Ensino Médio, na FFCL da USP, que me introduziu no magistério superior. Posteriormente, com a experiência do Mestrado e o Doutorado em Ciências da Educação – em que se destacavam disciplinas como Psicologia Social, Economia da Educação, Educação Comparada, Análise Institucional, Práticas Educativas, Sociologia da Educação – passei a trabalhar com Filosofia da Educação, na graduação, e Metodologia do Trabalho Científico e Teoria do Estado e Educação, na pós-graduação.

Na Filosofia da Educação, fortalecido pelos três anos de Faculdade, pelas disciplinas de fundamentos da educação do Mestrado e Doutorado e especialmente por autores como Marilena Chauí⁷⁹ e Pierre Fougeyrollas,⁸⁰

78 Sobre essas mudanças na FFCL de Ijuí, ver BELATO et al. 2016, p. 173-178.

79 CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

80 FOUGEYROLLAS, Pierre. **A Filosofia em Questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier, entre outros, trabalhei com turmas de Educação Física, Biologia, História e Pedagogia. Para lecionar Filosofia da Educação nos cursos de graduação, utilizei-me do instrumental do teatro, prática aprendida no CPC do *Movimento Comunitário de Base* de Ijuí. Toda a problematização de cerca de 10 temas sociais da atualidade brasileira e da educação era feita mediante pequenas peças de teatro produzidas e apresentadas pelos alunos.

A Teoria do Estado e Educação, que lecionei por 16 anos, e, em diversas ocasiões, em parceria com outro colega, tendo por orientação teórica de abordagem o materialismo histórico, buscava problematizar o Estado e sua relação com Educação, a partir dos autores clássicos da modernidade – Hobbes, Locke, Rousseau, Adam Smith, Marx, Comte, até autores que tratam do neoliberalismo, como Foucault, Bourdieu, Harvey, Dardot, Laval, passando por Lenin, Gramsci, Lukács, Poulantzas, Friedman, Oliveira – assim como autores clássicos de educação: Comenius, Rousseau, Dewey, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Paulo Freire, entre outros.

Sobre a experiência dos seminários e conventos e sua relação com minha trajetória de vida profissional, por fim, vale a pena enfatizar que, dentre os aspectos, a meu ver, que mais positivamente influenciaram minha carreira docente e de pesquisador estão o despertar em mim da vontade de estudar, de ler, de investigar, de problematizar a nossa realidade existencial e humana. Outro aspecto complementar a esse é a busca da autonomia intelectual, o que me tem sido essencial às minhas atividades docentes e, em especial, de orientação de mestres e doutores. Orientar, para mim, é criar as melhores condições para que o mestrando e doutorando se tornem intelectuais autônomos.⁸¹

Enfim, por tudo o que expus nessas páginas, é que os 13 anos de vida seminarística e religiosa têm sido, para mim, imprescindíveis na minha trajetória intelectual de docente/pesquisador e autor.

Referências bibliográficas

BELATO, Dinarte et al. **Legado Franciscano**: contribuição dos freis capuchinhos na educação dos filhos de colonos italianos do Rio Grande do Sul – 1950-1970. Porto Alegre: Evangraf, 2016, p. 332-342. Disponível em versão ampliada online: <https://www.diagramaeditorial.com.br/project/legado-franciscano/> Acesso em: 10 nov.2023.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

81 Ver SGUISSARDI, Valdemar. Prefácio. In: SCHNETZLER, Roseli P.; OLIVEIRA, Cleiton de (Org.). **Orientadores em foco**: o processo de orientação de teses e dissertações em educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010, p. 9-16.

FISCHER, Beatriz T. D. (Org.) **Tempos de escola – Memórias**, v. II. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livros, 2011.

FOUGEYROLLAS, Pierre. **A Filosofia em Questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOFFMAN, Erving. **Prisões, manicômios e conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectivas, 1974 (Título do original inglês: **ASYLUMS** - Essays on the social situation of mental patients and others inmates. Copyrights: Erving Goffman, 1961)

PUCCI, Bruno; VIEIRA, Cesar R. A.; OLIVEIRA, Cleiton de. Valdemar Sguissardi: origens, formação, escolhas, militâncias e experiências – uma entrevista. **COMUNICAÇÕES**. Piracicaba, ano 18, n. 1, p. 7-40, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://vsguissardi.com.br/wp-content/uploads/2022/09/entrevista-dossie-valdemar-sguissardi.pdf> Acesso em: 10 nov.2023.

SANTOS, Maria C. L. dos (Org.) **Maria Antônia**: uma rua na contramão. São Paulo: Nobel, 1988.

SGUISSARDI, Valdemar. A escola da minha infância. In: FISCHER, Beatriz T. D. (Org.). **Tempos de escola – Memórias**. V. II, São Leopoldo, RS: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011, p. 25-38.

SGUISSARDI, Valdemar. Prefácio. In: SCHNETZLER, Roseli P.; OLIVEIRA, Cleiton de (Org.). **Orientadores em foco**: o processo de orientação de teses e dissertações em educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010, p. 9-16.

SGUISSARDI, Valdemar. Após a saída do seminário. In: BELATO, Dinarte (redator) et al. **Legado Franciscano**: contribuição dos freis capuchinhos na educação de filhos de colonos italianos do Rio Grande do Sul 1950-1970. Porto Alegre: Evangraf, 2016, p. 332-342. Disponível em versão ampliada online: <https://www.diagramaeditorial.com.br/project/legado-franciscano/> Acesso em: 10 nov.2023.